

Pedro Eiras

recitativo dos livros
do deserto

[teatro]

Campo do Teatro



Recitativo dos Livros do Deserto foi o texto criado por Pedro Eiras para a sessão comemorativa do 10.^o aniversário da editora CAMPO DAS LETRAS. A sessão realizou-se em 19 de Maio de 2004 na Biblioteca Almeida Garrett, com interpretação de João Pedro Vaz (actor) e Helena Caspurro (piano e voz).

RECITATIVO DOS LIVROS DO DESERTO

Autor: Pedro Eiras

Ilustrações do autor

Direcção gráfica e capa: Armando Alves

© CAMPO DAS LETRAS – Editores, S. A., 2004
Rua D. Manuel II, 33 - 5.^o 4050-345 Porto
Telef.: 22 6080870 Fax: 22 6080880
E-mail: campo.letras@mail.telepac.pt
Site: www.campo-letras.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda.
1.^a edição: Maio de 2004
Depósito legal n.º 211752/04
ISBN 972-610-834-9
Código de barras: 9789726108344

Campo do Teatro – 22

A edição deste livro teveo apoio de Papelmunde SMG, Lda.

Pedro Eiras

recitativo dos livros
do deserto

com ilustrações do autor



*os nossos dedos foram fósseis num instante
a cinza amortalhada protegeu os livros
e o teu rosto ferido por fumo e areia
disse em todas as línguas que tesouros houve
neste lugar um dia
vencemos o deserto pagando-lhe a vida
e soletrando a sede dos livros rasgados
como quem decorasse a sua grande fome
perdida no vazio como quem lembrasse
o seu próprio nome.*

*Um homem. Atrás dele, uma estante
que em parte ardeu. Marcas de tiros e explosões:
estilhaços, buracos na parede. Luzes esparsas
sobre as lombadas, aqui, ali.*

*O homem escreve uma carta num papel
inverosimilmente pequeno:*

Aqui

hoje

Meus amigos

amigos esquecidos

amigos novos

Perdoai que não saiba dizer-vos com
clareza onde estou

É difícil designar um ponto no deserto

Imaginai um vale entre dunas capazes de
tocar o céu

Tentei subir a uma

mas desisti:

o ar era escasso as estrelas tão próximas
que a vertigem me fez pequeno em demasia

Procurai essas dunas altíssimas

Segui a vossa estrela

confiai nos vossos pés sobre as areias em
fogo

o grés que já cobriu os nossos passos

tende fé neste oásis que vos prometo

Perdoai também os erros e acidentes que
possam sobrevir a esta carta

a primeira que escrevo desde tempos
incontáveis

que me arde nos dedos e pede:

paciência

mais paciência

mais tempo

A voz que escreve desliza devagar como o
vento sob o calor

presa ao esquecimento em que habitei

Quase dói articular as ideias no papel

como a quem tivesse dormido demais

Com esforço lembro como se faz

Deixo que venham à boca as vozes antigas
que nem reconheço

a lembrança de ter tido uma voz que me

pertencesse

um rio de ideias e sensações a que nem
dava importância

(eu vivi na miséria de ser assim tão rico)

Chamo em mim a voz perdida que
regressa com violência

e estranho:

sou eu que escrevo?

pois nem ainda me reconheço

Seria mais fácil enviar-vos recortes

páginas soltas que vou encontrando

restos escolhidos ao acaso de tudo o que

persiste à nossa volta

este oásis que tornámos nosso a tanto
custo

Mas compreenderíeis que vos chamo?

Preciso de escrever esta palavra:

vinde

Meus amigos invisíveis e dispersos

caravaneiros de êxodo

poeiras soltas de diáspora

vinde

Se ousar chamar oásis a este lugar que
habitamos

não penseis que fomos poupados

A mesma queimadura da noite

o mesmo céu envenenado caíram sobre
nós

O que vós vivestes nós vivemos

Bebemos o mesmo leite da fúria

Como vós

tínhamos pensado que haveria excepções

tínhamos pensado:

nada poderá chegar aqui

pois estamos no alto

ou na profundidade

ou muito couraçados

ou muito informados

aqui o espaço é seguro